



AMERICA — MEXICO.

O Mexico é uma das cidades mais antigas, ricas e commerciantes da America septentrional.

Capital do florescente imperio mexicano, foi conquistada em 13 de agosto de 1521 por Fernando Cortez, famoso capitão hespanhol.

Desde então ficou sendo o principal emporio das vastas possessões hespanholas no Novo Mundo.

Em 1547 foi erigida em séde archiepiscopal.

No anno de 1822 o Mexico, depois de muitas tentativas infructíferas, declarou-se independente da metropole. Depois d'essa epocha este desgraçado paiz tem sido theatro da mais horrivel anaρχia; ás revoluções populares succedem-se quasi sem interrupção os tumultos da milicia, sem que no meio do cahos produzido por semelhantes successos seja possivel firmar uma situação normal.

Fadado para representar o mais importante papel no Novo Mundo o Mexico, explorado por ambiciosos mais ou menos habéis, constitue um deploravel exemplo do abuso das idéas de liberdade.

A cidade do Mexico, capital d'essa republica democratica, que tão importante podia ser, e tão respeitavel pela sua riqueza e vantajosa situação geographica, está assentada em um immenso valle circular de doze a quinze leguas de diametro, cingido

de todos os lados por altissimas montanhas, cobertas de neve, e entre os dous lagos de Chulco e Tezcuco.

A cidade do Mexico é bem edificada; as ruas são largas, direitas, guarnecidas de passeios de pedra, como vemos em Lisboa, e em geral acciadas. Contém muitos edificios importantes, entre os quaes merecem especial menção o palacio da presidencia da republica, a casa da moeda, o theatro e a sé cathedral.

D'esta damos no presente numero o desenho. É um templo mui vasto; e se não pode apontar-se como um modêlo de elegante architectura, é certo que se torna notavel não só pela amplidão, como pela riqueza das suas decorações.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

VI.

DESCOBRIDORES E GUERREIROS.

(1501 a 1512).

A India não havia sido descoberta por acaso. A aparição dos portuguezes no Oriente não foi o resultado de uma cavalleirosa aventura de Vasco da Gama. Buscava-se Çalecut, para cujo rei o capitão-mór da

armada levava uma carta de D. Manuel; e achou-se Calecut, com o auxilio do piloto pratico da costa do Malabar, fornecido aos nossos por aquelle bom rei de Melinde.

As naus do Gama não iam a Deus e á ventura: levavam pilotos experientes, instrumentos nauticos já muito aperfeiçoados, e largos esclarecimentos dados pelos viajantes portuguezes, que haviam ido por terra ao Indostão, e mais longe ainda. Se não pode assegurar-se que a descoberta do Brazil fosse premeditada, como muitos suppõem, é certo porém que não se devem ao acaso os outros descobrimentos dos portuguezes, antes todos foram apprehendidos depois de maduro estudo. A sciencia e o valor presidiram á exploração de Malaca, das Molucas, da China e do Japão; se os Corte-Reaes não acharam a passagem para a Asia pelo norte da America, tão sabiamente concebida, lá a encontrou Magalhães, navegando ao rumo opposto; e ainda hoje nos restam bastantes documentos de como se alliava a litteratura e a arte naval com a nobreza e o valor dos nossos maiores. O historiador da marinha portugueza não ha de perder de vista este ponto, sobre o qual repousa grande parte da nossa gloria, da verdadeira gloria, que é immensa, que pode e deve dispensar os europeis de fabuladas proezas; quanto nol-o permite o pouco desenvolvimento a que somos obrigados n'este estudo, temos feito e faremos sentir o que deve a sciencia da navegação aos maritimos portuguezes.

D. Manuel, que herdou, com o grão-mestrado da ordem de Christo, o espirito de descoberta e a perseverança do infante D. Henrique, tendo em tão pouco tempo de reinado, não só feito chegar as suas naus até á remota e desejada India, mas ainda devassado o continente do novo mundo occidental, tornou a enviar a bandeira d'aquella gloriosa cavallaria, hasteada nas pópas de quatro naus, logo no anno de 1501, para continuar a carreira do Oriente, confiando o commando d'esta frota a João da Nova, fidalgo hespanhol, que devia reforçar com a sua gente e navios a armada de Pedr'Alvares. A 5 de março saiu de Lisboa esta expedição, e, segundo o dizer de Barros, encontrou ella em oito graus de latitude sul uma ilha, que chamaram *da Conceição*. Seria a *Ascensão* (de 8)? Porém Castanheira dá-nos esta ilha descoberta por Tristão da Cunha em 1508. Tambem encontraram outra, já em 20 graus de altura, e essa não ha duvida que é a *Ascensão* (de 20, ou menor); elles mesmos lhe puzeram o nome. E ao oriente da Africa descobriram ainda uma terceira ilha, que denominaram de *João da Nova*, do nome do capitão-mór. Este valente hespanhol e os intrepidos portuguezes que capitaneava, defendem-se heroicamente em Cananor de uma poderosa armada do Çamorim, e não tendo já encontrado o Cabral n'aquelles mares, voltam a Portugal em 1502, descobrindo então a ilha de *Santa Helena*, rochedo arido, que teve mais tarde o seu Robinson, um pobre degradado Fernão Lopes, e que presenciou, não ha muitos annos, a agonia do maior capitão d'este seculo.

Outra armada, de seis velas, capitaneada por Gonçalo Coelho, partiu no mesmo anno de 1501 para explorar o Brazil: quatro d'esses navios perderam-se, mas os dous restantes, em um dos quaes ia Vespucio, chegaram até ao rio da *Prata*, e ainda á terra dos *Patagões*. Voltaram a Lisboa em setembro de 1502.

Já então tinha partido para o Oriente, pela segunda vez, o intrepido e famoso D. Vasco da Gama, almirante do mar da India. Este titulo fôra-lhe dado para si e seus descendentes, como os *Pecanhas* hou-

veram a posse do almirantado de Portugal, e Alvaro Vaz d'Almada e seus herdeiros a capitania-mór da frota; porém estes ultimos, e similhantemente os successores de D. Vasco, gosavam das honras e redditos do cargo, sem soffrerem as privações do mar por obrigação. O Gama levava ás suas ordens vinte naus, em tres divisões, uma das quaes elle commandava em pessoa, e as outras Vicente Sodré e Estevão da Gama. Parte d'esta esquadra ía ficar de guarda aos mares da India e da Arabia.

E logo no seguinte anno de 1503 se vêem differentes armadas, partindo de Lisboa, tanto para o Oriente como para o Occidente. Lá vae Antonio de Saldanha dar o seu nome á *Aguada*, aonde pelejou com os barbaros, proximo ao cabo da Boa Esperança; e um dos seus capitães, Diogo Fernandes Pereira, desgarrando-se da frota, aborda, o primeiro, á ilha de *Socotorá*, na entrada do mar Roxo. Francisco d'Albuquerque, com outra armada, chega á India e restitue ao throno o rei de Cochim, deixando-lhe por protector o grande Duarte Pacheco. Affonso d'Albuquerque, amarrando-se com a sua frota para oeste, vae tomar a costa do Brazil, como succedera ao Cabral, e d'ahi, dobrando o cabo, chega a Coulão, que os portuguezes não conheciam ainda. Fernão de Noronha, navegando para o Brazil, por capitão-mór d'uma armada, em que tornou a embarcar com os nossos o florentino Americo, descobre a ilha de *S. João*, que mais tarde tomou o seu nome, o qual ainda hoje conserva. (1) Desgarrado d'este chefe, o piloto Vespucio entra em um porto do continente, a que dá o nome de *Bahia de todos os Santos*. (2) Em 1504 partiu para a India, capitaneando treze embarcações, o valente Lopo Soares de Albergaria, que depois foi o terceiro governador d'aquelle estado. Chega; bombardeia Calecut, incendia Cranganor; e tendo deixado quatro navios sob o commando de Manuel Telles Barreto, para protegerem o rei de Cochim, nosso alliado, vem, com Duarte Pacheco, sobre Pandarane, apreza e queima 17 vasos mouriscos; e volta a Portugal, aonde é recebido com altas distincções por el-rei. A sorte do immortal Pacheco ninguem a ignora, por vergonha nossa! Grande, no mar e na terra, soube vencer todos os inimigos, menos os invejosos da sua gloria. A ultima façanha naval de Pacheco, que a historia registrou, foi um combate com piratas francezes no cabo de Finisterra, em 1509; metteu-lhes a pique uma embarcação, e trouxe tres prisioneiras a Lisboa. Depois morreu... no hospital!!

Já porém, no anno de 1505, partira para a India o seu primeiro vice-rei, D. Francisco d'Almeida. De passagem pela costa oriental d'Africa, o portuguez castiga Mombaça, a traçoieira, e chegando ao Malabar encarrega seu filho, D. Lourenço, de reparar a affronta que os portuguezes tinham soffrido em Coulão. O joven Almeida, herdeiro do valor paterno, assalta 24 navios que encontra n'aquelle porto, e reduz todos a cinzas, ricamente carregados como estavam. Continuando no commando da frota dos mares do Oriente, o filho do vice-rei ganhou um nome immortal e a palma do martyrio. Tendo apenas ás suas ordens tres galeões, cinco caravelas, duas galés e um bergantim, aborda a armada do Çamorim, e é o primeiro a saltar na capitanea inimiga. Oram-se prodigios de valor de parte a parte, mas a pericia ven-

1. Vide a nota II ao *Diario de Pero Lopes de Sousa*, por F. A. de Varnhagen.

2. Acerca de Americo e da descoberta da Bahia, veja-se o nosso precedente capitulo, e as cartas d'aquelle piloto nas *Memorias para a historia das nações ultramarinas*.

ce o numero, e os mouros são desbaratados. Depois, em companhia de seu pae e dos dous Cunhas (Tristão e Nuno) contribue poderosamente para o bom exito do ataque de Pananá e incendio de muitos vasos inimigos. Descobré as ilhas *Maldivas* e *Ceylão*, fazendo tributario a Portugal o rei de *Galle*. E, emfim, achando-se em Chaul, com outo ou nove embarcações, é atacado pela poderosa esquadra do soldão do *Egypto*, á qual, todavia, resiste com vantagem; porém, assoberbado por outra frota de *Diu*, ao mando de *Melique-As*, que sobreveiu em auxilio do inimigo, succumbe valorosamente, e perde a vida dando o exemplo da maior coragem a vencedores e a vencidos.

O quadro d'esta batalha, mais gloriosa ainda para estes do que para aquelles, carecia de outro desenvolvimento, que os limites d'este estudo não comportam; e a desforra que D. Francisco tirou dos mouros, vingando nobremente seu filho, era tambem digna de uma detida analyse: estes successos são assaz conhecidos dos leitores. Todos sabem como o vice-rei, seguido de 19 embarcações de guerra, e 1:700 homens de combate, investiu e incendiou a populosa e rica *Dabul*, queimou quantos navios de *Calecut* encontrou no mar, e foi offerecer batalha ás esquadras combinadas de *Melique-As* e *Hocem*. *Nuno Vaz Pereira* commandava a vanguarda dos nossos, mas ferido na abordagem cedeu o logar a *Francisco de Tavora*. *Ruy Soares* fígava os navios inimigos com as ancoras da sua nau! D. Francisco pelejava e dirigia o combate sem descanso. Por fim os rumes fugiram; muitos foram mortos, e outros prizioneiros; e a palma da victoria ficou aos portuguezes.

Porém D. Francisco d'Almeida tinha de partilhar a triste sorte de seu filho; como elle, não tornaria a ver mais o solo da patria! Na aguada de *Saldanha* espera um miserrimo fim ao vencedor de *Quiloa*, de *Mombaça*, de *Pananá*, de *Dabul* e da enseada de *Diu*:

*Ali cafres selvagens poderão
O que dextros imigos não puderam,
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram!*

Pouco tempo depois da saída do primeiro vice-rei para a *India*, partiram *Pedro* e *Francisco de Anaia*, pae e filho, com seis navios, a explorar a costa de *Sofala*, e fundar ali um estabelecimento portuguez; e *João Homem*, desgarrando-se da frota de D. Francisco d'Almeida, descobriu, á quem do cabo das *Tormentas*, tres ilhas a que deu os nomes de *S. Jorge*, *S. João*, e *Santa Maria da Graça*. (1) Em 1506 partiu para a *India* o celebre *Tristão da Cunha*, e, pela segunda vez, o terrível *Afonso d'Albuquerque*. *Tristão* descobriu um grupo de ilhas, ás quaes deu o seu nome, que ainda conservam; e explorou a costa da ilha de *Madagascar*, descoberta por um capitão da sua frota, *Ruy Pereira Coutinho*; em quanto porém estes navegadores davam vista da parte occidental da ilha, outros portuguezes que voltavam ao reino, capitaneados por *Fernão Soares*, faziam aguada e lenha na banda oriental. *Cunha* destruiu *Oja* e *Brava*, avassallou o rei de *Lamo*, visitou e guarneceu *Socotorá*, obrou prodigios de valor no *Indostão*, e voltou a Portugal, descobrindo, n'essa viagem, a ilha da *Ascensão*, como dissemos ha pouco. Entretanto o *Albuquerque* visitava o golpho persico, o mar *Verme-*

lho, as costas da *Arabia* e da *Persia*, e fazia tributario de Portugal o rei de *Ormuz*, em quanto não tomava conta do governo da *India*, como successor do vice-rei. Novo theatro para as suas façanhas lhe preparava el-rei D. Manuel, mandando, em 1508, *Diogo Lopes de Sequeira* a descobrir o grande emporio de *Malaca*, do qual havia larga noticia em Portugal. Quem foram os pilotos que, de sonda na mão, se atreveram primeiro a arrostar com as correntes, pareis e samatras d'aquelle perigoso estreito, é o que a historia nos não conta; sabe-se apenas que saíram de Lisboa para essa longinqua e arriscada empreza quatro navios, sob o commando de *Diogo Lopes*, que já já investido no governo da cidade por descobrir, e que o acompanhava o, depois tão celebre, *Fernão de Magalhães*; que estas naus reconheceram de passagem, segundo as instrucções d'el-rei, a ilha de *Madagascar*, e que tocando em algumas ilhas d'aquelles mares acharam e recolheram varios naufragos portuguezes; que, chegando a *Cochim*, augmentou o vice-rei aquella frota com um outro navio e sessenta homens, continuando-se logo a viagem premeditada; que estas cinco naus descobriram a grande ilha de *Sumatrá*, e ahi deixaram um padrão com as armas de Portugal, e que finalmente chegaram a *Malaca* em 11 de setembro de 1509. Estavam ali quatro embarcações chinezas, provavelmente as primeiras que os nossos navegadores encontravam. *Sequeira* teve de fugir ás traições dos malaioes, e voltou a Portugal, d'onde mais tarde partiu de novo para governar a *India*. A *Afonso d'Albuquerque* estava reservada a gloria de render e avassallar a orgulhosa *Malaca*! Prostrada a cidade querida do *Sabaio*, coube a sua vez á *Aurea Chersoneso*, e a chave d'aquelle importante estreito, que communica o mar da *India* com o mar da *China*, caíu em poder dos nossos. D'ahi partiu *Duarte Fernandes* para *Siam*, e *Ruy da Cunha* (ou *Gomes da Cunha*) para *Pegú*; *Antonio de Abreu*, *Francisco Serrão*, e *Simão Afonso*, em tres naus, de que era capitão-mór o primeiro, navegaram para as *Molucas*, acompanhados de um piloto mouro d'aquelle carreira; porém não passaram da ilha de *Banda*, e uma das naus se perdeu em *Java*. Em 1512 avistou *Abreu* a ilha de *Anboino* e *Serrão* a de *Ternate*. *Afonso de Albuquerque*, tendo deixado por capitão-mór do mar de *Malaca* a *Fernão Peres d'Andrade*, com dez navios, voltou a *Cochim*, escapando milagrosamente de um naufragio na costa de *Sumatrá*.

Antes de proseguirmos com as descobertas do Oriente, voltemos á Europa, a ver como se faziam estes prodigios maritimos de armar annualmente tantas naus, não só para a carreira da *India*, mas para a conquista de *Africa*, e guarda da costa de Portugal. A marinha que descobrira a *India*, e conquistava as melhores praças maritimas d'aquelle região, que mudara o caminho da especiaría para a Europa, e dava cada dia novas riquezas e nova gloria a Portugal, não podia deixar de occupar o primeiro logar no pensamento e nos esforços de um governo illustrado. Se não se seguiu á risca o alvitre de D. Francisco d'Almeida, que só queria feitorias portuguezas no litoral, e o nosso poder no Oriente firmado exclusivamente na artilharia das armadas, era contudo obvio que não estava livre aos nossos o caminho de umas para outras possessões, e d'estas para Portugal, sem que um respeitavel numero de naus impozesse respeito ás frotas do *Egypto*, de *Calecut*, de *Diu* e de *Achem*. Assim pois, em tempo de D. Manuel, começaram-se a construir mais solidos navios para ar-

(1) *Damião de Góes*: Chron. d'el-rei D. Manuel.

rostar com os mares do Oriente; animou-se a plantação do linho canhamo, de que se fabricavam amarras, as melhores de toda a Europa; fundia-se artilharia, e enfim desenvolviam-se todas as industrias que contribuem para o progresso naval. Para animar os homens no serviço da marinha, concedia el-rei amplos privilegios aos pilotos, carpinteiros e calafates; e os arsenaes de Lisboa, Porto e S. Martinho trabalhavam sem descanso na construcção e reparo dos vasos de guerra, em quanto nos portos de Aveiro e de Vianna se apparelhavam as embarcações de commercio. Além das naus da carreira da India, havia sempre tres esquadras em effectivo serviço para guerrear os piratas: uma, chamada do *Estreito*, cruzava entre a costa do Algarve e a Barberia, e compunha-se exclusivamente de fustas e caravelas; outra, de navios maiores, guardava a costa do norte; a terceira pairava na altura dos Açores, aguardando muitas vezes os ricos galeões da India, para os defender dos piratas. A lotação de uma nau da carreira oriental era, proxiamamente, de 120 pessoas; depois de 140, de 168, e assim por diante com o andar do tempo; os seus officiaes eram: o capitão, o capellão, o escrivão; primeiro e segundo pilotos; mestre, contra-mestre, e guardião; carpinteiro, calafate, tanoeiro, barbeiro (que servia de cirurgião), (1) condestavel, meirinho, cosinheiro, e despenseiro. D'entre os marinheiros dous chamavam-se estrinqueiros, que eram patrões de escáleres, e tinham outros encargos; as denominações de grumetes e pagens tambem são d'esse tempo; e embarcavam igualmente soldados de artilharia, como ainda ha pouco se usava entre nós. Um seculo antes era bem diversa a nomenclatura da tripulação de uma galé: constava de um patrão, 3 alcaides, 6 arráes, 2 carpinteiros, 10 marinheiros, 30 lésteiros, 104 remeiros e 2 sextaneos (2).

A theoria da arte de navegar tambem se aperfeiçoava e ennobrecia. Em 1518 creou-se uma cadeira de astronomia na universidade de Coimbra. Não sabemos se ainda então existia a academia de Sagres, ou se se refundira em alguma outra escola propriamente do estado. É certo porém que ao cosmographo-mór do reino apresentavam os pilotos as suas derrotas, com cujos subsidios publicou Manuel de Figueiredo os primeiros roteiros portuguezes, no seculo XVII, e no seguinte Manuel Pimentel deu á luz a sua *Arte de navegar*, e roteiros, ainda hoje apreciados.

Theoricos e praticos no mar, valentes na guerra, desejosos de aventuras, os navegadores portuguezes alongavam-se por todos os mares do globo, arriscavam-se entre desconhecidos recifes, subiam a corrente de rios até então ignorados, pelejavam sem olhar ao numero dos inimigos nem á difficuldade de reparar as avarias, e assombrando a Europa, ao mesmo passo que enchiam de terror o Oriente, collocavam o seu paiz natal na cathegoria de nação de primeira ordem, e na maxima superioridade como potencia maritima.

F. M. BORDALO.

HESPAÑHA—CATARACTA DE CERISSET.

Os Pyrenéos (Pirenaei) são, como todos sabem, uma grande cordilheira de montanhas, que separam a França da Hespanha, prolongando-se desde o Me-

diterraneo até o Oceano; isto é, em uma distancia de 85 leguas proxiamamente.

Aquellas montanhas tomam diferentes nomes segundo as localidades; são povoadas de florestas de arvores preciosas para construcções civis e navaes, e abundam em sitios pittorescos.



Um dos pontos mais interessantes sob este aspecto é o que chamam *ponte de Hespanha*. Não lhe fica muito inferior a cataracta de Ceriset, que a nossa gravura representa. Esta magnifica paisagem, pelo accidentado do terreno, pela caprichosa quéda das aguas, e pela luxuriante vegetação que reveste os cabeços, é um dos mais formosos panoramas que pode offercer-se ao viajante.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO-VERDE.

Os romances licenciosos. — O jogo e a murmuração, passatempos de Bissau. — George Sand, e Margarida Fuller. — Os jornaes. — O casamento dos papeis. — A lua e os selvagens. — As ruinas. — Hó loló culumbé. — Amor e amor. — O casamento catholico (1).

Ora viva o escriptor hermaphrodita, que nasceu mulher, e que vive e escreve como um homem desgraçado! viva a sr.^a George Sand, cujos escriptos immoraes chegam a este obscuro e ignorado cantinho do mundo, vertidos em portuguez mestiço, menos intelligivel que o creoulo papel, e mais desengraçado de certo. Agora é que eu digo que a civilisação de Bissau caminha a passos de gigante, que já rivalisa com os decuriões de Lisboa, e dentro em pouco deixará bem longe os mestres parisienses. Já não fal-

(1) Vejam-se os primeiros capitulos d'estes estudos no vol. X.

(1) *Quil de Bar*: Annos da Mariaha.

(2) Documentos do seculo XIV e principio do XV.

ta muito. Apearam a cruz do seu glorioso pedestal; deixaram cair o templo em ruínas; e proclamaram o culto do ouro e da devassidão.

Um pouco mais, e chegará bem depressa á altura dos papeis, que temos ainda a estúpida soberba de desprezar nós os filhos da Lusitania.

Ditosa mocidade é esta dos nossos dias! livre dos *fosseis* cathecismos que nos ensinaram a doutrina christã, gosa da salutar e delectavel leitura de livros, em que se lhe ensina a moral pagã, a pratica das doutrinas fetiches, e se instrue no conhecimento de que nasceu sómente para gosar direitos, e para satisfazer todos os seus appetites!

Ainda alguns poucos annos mais, e poderá pagar á patria, com usura, o nefando crime que ella tem commettido em desprezar a sua educação, esquecendo quem mui brevemente hão de governal-a, o que equivale a opprimil-a, esses que deixa impunemente depravar.

Até a nossa formosa e rica lingua, a lingua dos Camões, dos Barros e dos Vieira, ha de ter o seu dia, em que seja forçada a despir as louçanias e galas de outras eras, e embrulhar-se na frandulagem immunda, que a ignorancia torpe, e a cubiça não menos torpe, vão armazenando em traducções nojentas, que a troco de alguns tostões estragam a intelligencia, e derrancam o coração.

Agora é logico que se estabeleça uma escola á custa do estado para que os grumetes possam aprender estas bellas cousas, e conheçam por experiencia que nós os portuguezes, depois de 300 annos de ensaios (?), vamos entrando a passo firme na estrada da civilização *papel*.

Foi isto pouco mais ou menos o que eu disse lançando com força para cima d'uma banca o romance *Rosa e Branca*, que d'ali tinha tomado; assim que o folhee, e li poucos periodos de alguns capitulos, onde a immoralidade e o cynismo dos conceitos disputavam primazia á ignorancia do traductor.

— Sempre tem cousas!... pois o que tem que dizer d'esse romance tão bonito? se não lermos estes livros em que havemos de passar treze horas de dia? Não se pode estar sempre a jogar. Todos os dias vemos as mesmas caras. Já sabemos de cór e salteada a vida uns dos outros, porque á força de não termos que dizer somos obrigados a repetir as mesmas cousas.

— O que tenho que dizer?! que estes livros são uma peste, que não só preverte a alma de quem os lê, mas que tambem lh'embota a intelligencia. Sei muito bem que se não pode obstar á introduccão d'esta mercadoria, como não é possivel obrigar os lenços de seda a que vão á alfandega. Não é isso o que me irrita; mas sim a terrivel propaganda de crimes que em Portugal ha de estar fazendo a cubiça e o espirito revolucionario. As consequencias vel-as-hemos brevemente. Como não quero aventurar futuros, digo somente que a mocidade perde-se com estas leituras, e que nós havemos de pagar um dia bem caro a indifferença dos que nos governam.

— Assim parece (diz outro). Não deixo de reconhecer o perigo d'estas leituras para a gente moça; mas não vejo meio de obstar a isso. A imprensa é livre. O governo portanto não pode prohibir a circulaçãõ d'estes livros, apesar de serem tão maus, porque iria contra a carta.

— Por quem é, não calunnie a carta! Se assim fosse, esse codigo que amo, em vez de ser um dom estimavel, seria um objecto de legitima execraçãõ. A carta não tem culpa da preversidade de uns, do desleixo de outros, e da tolice dos demais.

Tambem pela carta é livre a todos comprarem e venderem, e comtudo os regulamentos de policia e os sanitarios não permitem que todos vendam substancias venenosas, nem polvora, e prohibem a venda d'aquellas sem receita de facultativo. Deverá o corpo mais attentões do que a alma? uma vida exige cuidados, e milhares de vidas não merecerão nenhuns? Eu por mim nenhuma duvida punha em prohibir estes livros. Prohibia-os em nome da religião desacatada, da moral publica offendida, da honra das familias ameaçada, e da existencia social em grande perigo.

— A prohibiçãõ augmentava a curiosidade. Os livros haviam de ler-se, como agora; e não conseguia nada.

— Não é assim. Isso é um sophisma ridiculo, que os maus invocam, e que por mui repetido querem que seja tido como um axioma. Diga-me, augmentou porventura a venda das substancias venenosas porque se restringiu a liberdade d'ella? Não. Ha muitas pessoas que lêem estes romances, porque ninguem as preveniu de que são nocivos, e que deixariam esta lição funesta se fossem advertidas: almas innocentes e ingenuas, que aspiram a morte cuidando que se delectam. A prohibiçãõ tornaria estes livros mais caros, e com isso a familia do operario ficava livre do perigo que corre; outro beneficio. Quanto aos que quizessem lê-los por isso mesmo que eram prohibidos, esses procuravam o mal voluntariamente, de ninguem podiam queixar-se, ninguem podia sentir remorsos.

— E quem é George Sand? pareceu-me ouvir-lhe dizer que era uma mulher; mas com este nome! com um nome de homem! é cousa que nunca vi!

— Pois é uma mulher, que por uma de suas muitas extravagancias foi pedir ao sexo masculino um nome, assim como lhe imitou a desenvoltura: parece que n'isso quiz mostrar o desprezo em que tem as do seu sexo que vivem com honestidade e modestia; e não admira, essas condemnam-na severamente. Parece ser pois todo o seu empenho abolir a religião catholica, por ser a unica que honra e engrandece a mulher. Todas as outras religiões são boas para ella, mas a que prefere é a herezia de Wiclef com os commentarios de João Balle, por ser a que mais se coaduna com o mysticismo socialista, e com a theoria da dissoluçãõ dos costumes.

É para ver a raiva com que desembesta contra o matrimonio, que chama a escravidão da mulher; como insta pelo divorcio, que a restauraçãõ dos Borbões aboliu, e que a revoluçãõ de julho duas vezes condemnou, mas que ella quer que seja o meio necessario, o unico racional e efficaz, de restituir á mulher os seus direitos, de assegurar sua liberdade, que, segundo assevera, os homens lhe roubaram, isto é, a sociedade, que em castigo deve perecer.

— Oh! mal sabia eu que se reclamaria em França, como uma grande fortuna para as mulheres, o que n'esta costa passa como lei. Aqui o casamento é cousa muito simples, mesmo entre os europeus, salvas rarrissimas excepções. Um homem e uma mulher vivem juntos em quanto isso lhes convém: aqui está o casamento. Quando qualquer d'elles acha mais vantagens n'outro arranjo, ou se aborrece d'esta união, separam-se: aqui está o divorcio. Mas o que lhe ha de parecer extraordinario, e mais á tal Sand, é que poucas vezes o rompimento parte da mulher, e que pelo contrario ellas muito desejariam que não houvesse tal liberdade, maximé se tem filhos.

— Pois é essa liberdade, que as mulheres d'aqui

odeiam, a mesma que George Sand quer estabelecer na Europa em nome *dos grandes designios democraticos*. É a sua mania, que mais ou menos apparece nos seus romances. De mim para commigo estou convencido de que estes escriptos são outros tantos episodios, mais ou menos embellezados, de sua vida aventureira: que cada um d'elles nos pinta uma de suas novas *conquistas*, e o modo como se desfez d'ella por tedio (?) escondendo-o n'um novo pseudonymo para tornar a historia mais appetitosa, e poder penetrar até aos toucadores das jovens inexperientes, de que pretende fazer proselytas.

Não vá dizer que sou temerario nos meus juizos, e maledico porque os publico; não; eu não faço mais do que accetar como genuina a biographia, que fez de George Sand uma de suas mais ardentes e mais entusiasticas partidistas, a celebre americana Margarida Fuller em suas *Memorias*. Ahi vão as suas palavras:

«O verdadeiro culpado nos erros que o vulgo imputa a George Sand é o estado presente da sociedade. Eu por mim estou convencida de que digo a verdade. George tem uma alma pura, que sabe muito bem amar e apreciar a innocencia, ainda que pelas suas acções pareça o contrario d'isto. Ella não pede que a defendam, só quer que saibam comprehendel-a. *Mostrou audaciosamente o que n'ella era natural*, mas sempre com boas intenções. Se tivesse encontrado um homem que fosse capaz de a captivar com perseverança, teria sido tambem capaz de amal-o com constância; mas como a realidade não lh'o offereceu como ella o desejava, teve *naturalmente* de mudar de objecto nas suas affeições, e *isso por muitas vezes*. Desde então pôde notar-se no seu modo de viver alguma cousa de *bachante*, um amor entusiasta *pela noute*, pelas agitações e *as saturnaes no meio dos bosques*, como as dos discipulos de Cybele, a grande deusa, a boa mãe; porém não se deixou cair nunca na grossaria, nem na licença; e conhece-se isso, porque não ha fructo de que seu coração não tenha sabido espremer algumas gotas generosas. *Quando está enfastada de uma ligação, gosta de quebral-a de repente; e tem-lhe acontecido isso frequentes vezes, dando assim lugar a numerosas calumnias a seu respeito.*»

Eu não sei que os mais ardentes adversarios da foga redactora dos boletins de Ledru-Rollin tivessem escripto nenhuma accusação mais mortal do que esta defeza. Seja dito de passagem.

Mas note-se. Quando a identidade de idéas, de desejos, de paixões, e até de fraquezas (porque o pintor é digno do retrato); quando a amizade que todas estas circumstancias crearam, fomentaram, e tornaram íntima, se exprime por tal forma sobre uma pessoa do seu mesmo sexo, com quem viveu familiarmente em París; e quando esta narração, ainda que em phrases retorcidas, está de accôrdo com o que a voz publica conta d'esta virago; o que direi eu! Poderia rir-me sómente de suas *aspirações*, de suas *maximas*, e lamentar que os seus costumes condissessem com ellas, se visse que não tentava generalisal-as; porque o seu fim é a preversão da mocidade, esperando por meio d'ella conseguir a destruição da sociedade, que aborrece com um odio satânico. Mas posso eu rir-me??

Ao ver-se o ardor com que amontoa romances sobre romances, ninguem dirá senão que quer vingar-se dos despezos que sobre ella tem chamado uma vida de dissoluções. Se pudesse faria á Europa o que Nero fez a Roma.

— Parece-me que ha n'isso muita exaggeração. Se

o mal fosse tamanho a imprensa periodica tel-o-ia denunciado, e eu ainda não li nada que se pareça com isso nos jornaes de Lisboa, que aqui vem.

— Está enganado. A imprensa honesta e sizuda tem gritado áleria! Eu lhe vou mostrar, entre diversos jornaes que trouxe commigo, a *Restauração* de 2 de junho de 1842.

Aqui está o que ella diz. Note principalmente estas palavras:

«O atrazamento das letras tem obstado a termos em abundancia semelhantes obras de nossa lavra, mas que vale se a praga estranha vae minando este pobre Portugal rapida e perigosamente. Ninguem ha que não pegue de romances estrangeiros e os não verta — Deus sabe como! — e não innunde com elles esta sociedade já por tantos motivos prevertida. Sangra-nos o coração de ver ahi tantas boas intelligencias desprezarem as especialidades a que uma boa educação as applicava, e nas quaes se podiam com o tempo fazer distinctas primando entre muitos! Mal envolvidos ainda nas primeiras mantilhas de estudo, já por prelos e por lojas de livreiro se vão prostituindo á immoralidade estrangeira; e quantos excellentes engenhos têm assim morto as suas inspirações empregadas na traducção de pessimos originaes! Vejam o que se passa, leiam essas obras todos os dias publicadas, leiam-as e digam se exagero... Sabeis como se faz? Pega-se a cito d'um romance de *Balzac*, de *George Sand*, que sei eu? de primeira mão, e diz-se: «*Isto ha de agradar ao publico; deve de produzir dinheiro.*» Dinheiro! Olhae! Eis-ahi que por dinheiro, por esse dinheiro de Judas e por dous elogios venaes e repellidos pela consciencia, vae atirar-se ao pobre do povo, que acceta tudo sem descriminação, com um pouco de alimento corrupto e inficcionado, que o ha de envenenar. — Abaixam-se os punhaes e alevantam-se os cadafalsos!

«Penetrem-se d'esta verdade. A missão de um auctor não é esse denominado effeito — tão mal que o entendem! — não são tambem interesses mesquinhos, nem infame especular. O melhoramento successivo, progresso verdadeiro e santo, esse sim — esse é a obra grande a que elle deve pôr os hombros.

«O dever do povo não é accetar cegamente o que a imprensa lhe dá — é separar o bom do mau — é julgar os que se chamam seus mestres (*isto é mais facil de dizer que de fazer; se os mestres o depravam, como ha de o discipulo julgar rectamente?*), pela intenção e pelo pensamento, é emfim distribuir o premio e o castigo aos leaes pensadores ou aos traicoeiros apostolos da immoralidade — o fazer justiça e acolher justiça.

«A imprensa, assim como pode distribuir o mal, pode e deve atalhar o bem.

«Escriptores, escriptores, a vossa responsabilidade é grande. Sois senhores do bem e do mal.

«Meditae — comparae.»

Não sei se estas palavras acharam echo. Deus queira que sim. Oxalá que o governo e as mães de familia ponham cóbro n'isto; estas, levadas pelo instincto do amor maternal, esse amor santo que prevê todos os males que podem affligir um filho; o governo, dirigido por uma politica sã e civilisadora, que não pospõe a seus deveres os interesses de nenhum corrilho, nem os de uma mesquinha politica que nasce a cada mutação de gabinete, e morre da sua mesma queda, se não é ella mesma quem a precipita para ter quinhão nos despojos, ou partilhar das liberalidades da nova mutação. A nuvem carregada de ele-

etricidade já assoma no horisonte da sociedade; em pouco tempo arrojará sobre ella a tempestade, que ha de derrocar thronos, e talvez a destrua.

Olhem as mães por seus filhos, estes caros pedaços de sua alma; afastem de seus labios innocentes o veneno que vão beber, e que dá a morte: olhem tambem por si; não consintam que estes romances licenciosos e impios passem o limiar de suas casas: se chegam a penetrar n'ellas, não tardará muito que entre a desesperação e o suicidio; e que fujam espavoridas a paz domestica, a sua propria felicidade, o amor de seus esposos, a ternura de seus filhos, e o pudor de suas filhas. Bem podem chorar lagrimas de sangue; mas já não haverá remedio!

—Tem razão no que diz. Agora vejo que tem razão. Nunca tinha pensado n'isso. Mas é assim. É uma vergonha que, em nome da civilisação, nos queiram á força empurrar para esse charco de vicios em que os papeis estão atolados. Digo-lh'o com todas as veras do meu coração, não posso crer que a civilisação não seja outra coisa mais que a estupidez libidinosa d'estes negros.

—E não é de certo. A civilisação é tão isso a que dão tal nome, como o dia é noite. Essa coisa sem nome, que alcunharam de civilisação, é sómente a destruição de todos em proveito de rarissimos, que appellam para esse meio como o que já agora se lhes antolha unico de conseguirem a satisfação de suas ambições. Assim que as tiverem satisfeitas, por um modo ou por outro, hão de procurar no auxilio e emprego das forças vivas da sociedade, combater e subjugar os seus auxiliares de hoje. Conseguil-o-hão? pôde ser que sim, e pode ser que não. Atraz das suas ambições satisfeitas ha muitas que o não estão, e que hão de querer empregar os mesmos meios que viram empregar com feliz exito.

Mas deixemos isso, que á força de velho já deve ser sabido. Fallou-me dos costumes civilisados dos papeis; pode contar-me alguma coisa d'elles? Cuido que uma das causas da decadencia de Bissau está em que o governo ignora os habitos, usos e costumes de seus habitantes. Não admite duvida que sem esse conhecimento é impossivel governar-se bem.

—De muito boa vontade. E já que fallei no casamento, será d'este que tratarei em primeiro lugar, contando-lhe como se elle celebra entre os papeis, por ser com differença mui pequena o mesmo que em todos os negros d'esta parte da Africa, e ainda dos grumetes. Mas, agora me lembra: em vez de uma narração secca de usos e costumes inteiramente desconhecidos na Europa, de que não se pode fazer idéa alguma, e que por conseguinte é fastidiosa, não seria melhor que eu lhe contasse a historia de Maria de Santa, que havia de ter conhecido na villa da Praia, em casa do sr. F...? A historia d'esta preta, pelas circumstancias que a acompanham, pelas pessoas que n'ella figuram, está por tal forma ligada á d'este estabelecimento nos ultimos trinta annos, que só isso, quando outras occorrencias não a tivessem enchido de interesse, era bastante para excitar-lh'o, e bem vivo.

—Lembro-me muito bem d'essa preta, que o meu amigo F... comprou quando aqui esteve emigrado em 1837, e que trata com a distincção de uma amiga. Sei que a sua vida foi um longo drama, cheio de peripeccias dolorosas, que mais ou menos se ligam aos factos principaes de que aquella praça e esta povoação tem sido espectadoras e victimas; mas não sei tanto, que não ache de certo na narração, que quer fazer, todos os encantos da novidade. Ouvil-a-hei portanto com muito prazer.

—Pois bem. Repetirei então o que ella me contou por muitas vezes; e procurarei quanto puder empregar as suas proprias palavras, porque ellas dão noticia e informação de muitas cousas, que sendo pequenas e de minima importancia na apparencia, são contudo indispensaveis para fazerem conhecer os costumes d'este povo, que de outro modo não se saberiam nunca, ou teriam de aprender-se em fastidiosissimas descripções. Mas ha n'ella uma parte que só quem frequentou em Cabo Verde o sr. F... pode contar, e essa ignoro-a eu.

—Talvez eu esteja habilitado a preencher essa lacuna, e n'esse caso conte commigo, que me parece que posso satisfazer a sua curiosidade.

—Obrigado. Agora vou começar. Supponha que é ella que está fallando.

Continúa.

J. M. SOUSA MONTEIRO.

O CRAVO DA INDIA.

O cravo chamado da India (*Myrtus caryophyllata*) uma das mais preciosas especiarias do archipelago das Molucas, é o botão da flor de um arbusto da familia das Myrtaceas. O nome por que é conhecido no commercio vem-lhe da forma, que apresenta depois de secco, que é a de uma especie de cravo, ou prego grosseiro. Este arbusto pode reproduzir-se de semente e de estaca. O meio indicado em ultimo logar parece ser o preferivel, na maxima parte dos casos. As estacas é certo que levam bastante tempo a deitar raizes, mas pegam sempre; não chegam contudo ao seu estado de completo desenvolvimento senão aos oito ou nove annos.

Nas ilhas Molucas ha todo o cuidado em evitar que o arbusto do cravo da India exceda a altura de 2 metros e 50 centimetros a 3 metros, para que a colheita dos seus productos seja facil.

Ha ali tambem o maior disvello em fazer a apanha do cravo no tempo proprio; porque se o fructo está pouco maduro perde-se na quantidade; se está maduro de mais, então o prejuizo ainda é maior, porque o cravo colhido n'este estado não tem aquelle sabor e aroma que o tornam tão estimado; depois as cabecinhas quebram-se com muita facilidade, prejudicando-lhe assim a apparencia, e diminuindo, o seu valor venal.

O arbusto do cravo da India prospera em todos os climas tropicaes; cada pé pode produzir annualmente dous arrateis e meio de cabecinhas.

Mr. Poivre introduziu a cultura d'esta preciosa planta na colonia franceza de Cayenna em 1769 e em 1771. D'ahi se estendeu ás demais colonias das Antilhas.

O myrtus caryophyllata é um lindo arbusto, cujo aroma não reside exclusivamente nas flores; está igualmente derramado pelos tronquinhos e pelas folhas.

O cravo da India não é d'aquelles productos da agricultura dos climas tropicaes que possam multiplicar-se ao infinito, por isso que o consumo cresce na proporção do producto. O seu uso, pelo contrario, é mui limitado na cosinha moderna das principaes nações da Europa; e se no mercado apparecessem grandes partidas de cravo, a sua extracção seria quasi impossivel.

Esta especie de cravo figura tambem na materia medica; d'elle se extrahem um oleo volatil e uma tin-

tura, tanto um como a outra de um cheiro activissimo. A tintura de cravo era applicada geralmente ao tratamento das dores de dentes. Depois que se descobriu a efficacia da creosota no curativo d'aquella incommodativa enfermidade, o seu uso tornou-se muito mais limitado; entretanto ainda hoje ha alguns que lhe dão, n'este ponto, a preferencia sobre a creosota.

EPIHEMERIDES HISTORICAS.

FEVEREIRO 1

- 566 — Fallece S. Urso, bispo de Beja, a quem S. Maximo chamava *raro defensor da fé*.
2
- 1542 — D. Christovão da Gama com quatrocentos portuguezes derrota os partidistas do rei de Zeyla, junto da cidade de Baroá.
1832 — D. Pedro, duque de Bragança, embarca em Belle-Isle para a ilha Terceira.
3
- 1565 — Pedro da Silva de Menezes com sete navios derrota a esquadra do corsario Murimuja.
4
- 1681 — Fallece o padre Bento Pereira, auctor da *Prosodia*, e outras obras.
211 — Morre em York o imperador Septimio Severo.
5
- 1529 — Alcançam os portuguezes uma importante victoria naval em frente de Bombaim.
6
- 1818 — É acclamado rei de Portugal D. João VI.
1608 — Nasce em Lisboa o padre Antonio Vieira, gloria do pulpito portuguez.
7
- 1518 — Carlos V é acclamado rei de Castella.
1811 — Acção ganha pelo exercito anglo-luso contra os francezes junto de Badajoz.
8
- 1621 — Victoria ganha pelos portuguezes em Ceylão.
1807 — Batalha de Eylau.
9
- 1649 — Carlos I, rei de Inglaterra, é decapitado.
10
- 1731 — Morte do papa Martinho.
11
- 1282 — Celebram-se em Barcelona os desposorios da rainha santa Isabel com el-rei D. Diniz.
12
- 1565 — A cidade de Cota em Ceylão, governada por Pedro de Athaide, defende-se contra todo o poder do regulo Rajú.
13
- 1593 — Fallece o padre Manuel de Goes, auctor dos *Cursos conimbricenses*.
1790 — Supressão dos-votos monasticos em França.
14
- 1531 — Morte do heroe portuguez Heytor da Silveira.
15
- 1568 — Estupenda victoria ganha pelos portuguezes em Malaca contra as forças do rei d'Achem.
16
- 1531 — Intenta Nuno da Cunha a conquista de Diu.
17
- 1397 — A sé de Lisboa é erigida em metropolitana pelo papa Bonifacio IX.
1674 — Morte de Molière.
18
- 1595 — Lastimoso naufragio da nau *Madre de Deus*.

- 1162 — Amauri I é coroado rei de Jerusalem.
1834 — Batalha de Almoester.
19
- 982 — Martyrio de Santa Comba, portugueza.
1633 — A povoação de Golim, fundada pelos portuguezes, no reino de Bengala, é destruida pelas tropas do Mongol.
20
- 1512 — D. Jayme, filho do infante D. Pedro, recebe de Calixto III a nomeação de cardeal do titulo de S. Eustaquio.
21
- 1588 — Levanta o Rajú o cerco de Columbo, defendida pelos portuguezes.
1513 — Morte do papa Julio II.
22
- 1309 — Grande tremor de terra em toda a Europa.
23
- 1526 — Fallece na India o illustre e honrado governador D. Henrique de Menezes.
24
- 1777 — Morre el-rei D. José.
1848 — É acclamada em París a republica.
25
- 1641 — Os hollandezes conquistam Malaca aos portuguezes. Era governador Manuel de Sousa Coutinho.
26
- 719 — S. Torquato, arcebispo de Braga, é martyrisado, com vinte e sete companheiros, junto a Guimarães.
27
- 274 — Nasce o imperador Constantino.
1295 — Funda el-rei D. Diniz o mosteiro de Odivelas.
28
- 1849 — Fallece na cidade do Porto o rei de Sardenha Carlos Alberto.

OS MORTOS E OS VIVOS.

Os mortos são pó, nós tambem somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído: os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. Estão essas praças no verão cobertas de pó; dá um pé de vento: levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem os vivos, e muitos vivos. Não aquietta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa: entra por esta rua, sae por aquella: já vae adiante, já torna atraz: tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, e por tudo se mette, sem aquietar, nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento, cae o pó, e onde o vento parou, ali fica: ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó: parou o vento, caeu. Deu o vento; eis o pó levantado: estes são os vivos. Parou o vento; eis o pó caído: estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó: os vivos pó levantado, os mortos pó caído: os vivos pó com vento, e por isso vão: os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra.